

O COMPLEXO CIRCUITO DAS FEIRAS LIVRES DE NATAL-RN

Thiago Augusto Nogueira de Queiroz
Departamento de Geografia – UFRN

Resumo: A feira livre é um fenômeno social, econômico, político e cultural. O território da cidade de Natal-RN configura-se com 22 feiras livres. Esses mercados periódicos são componentes do circuito inferior da economia urbana dos países subdesenvolvidos, e caracterizam-se pelo trabalho intensivo, pela troca através de crédito pessoal e do dinheiro líquido, pela pequena quantidade de mercadorias, pela pechincha e barganha dos preços dos produtos, e pela lógica da sobrevivência familiar ao invés da lógica da acumulação. Nesse contexto, pergunta-se: quais as características das feiras da cidade de Natal-RN? O objetivo deste trabalho é conhecer o funcionamento das feiras livres de Natal, suas morfologias, as pessoas que as frequentam, quem são os feirantes, quais os produtos vendidos, qual a origem desses fluxos, através de um estudo de caso da feira da Cidade da Esperança, mostrando sua importância para a dinâmica urbana de Natal e região. Os resultados preliminares mostram que a feira da Cidade da Esperança, se caracteriza pela venda de diversos produtos entre carnes, frutas, legumes, verduras, utensílios domésticos, que estão na área regularizada pela prefeitura, e animais, lanches, celulares, bicicletas, carro, moto, sucatas, sebos, etc., na área não regularizada. Cada feirante participa de outras feiras realizadas na capital, e cada mercadoria também se insere em um circuito, formando um complexo circuito de feiras livres. Observa-se, também, nesta feira da Zona Oeste da capital, a venda de chips de diversas operadoras de celular, essas empresas se aproveitam do não pagamento de impostos para aumentar seus lucros, sendo uma forma que o circuito superior da economia urbana se aproveita do circuito inferior para capilarizar seus produtos nas diversas classes sociais. Portanto há um acontecer solidário entre as feiras, e entre as feiras e os componentes do circuito superior, que dão uma dinâmica socioeconômica e espacial para a capital do Rio Grande do Norte.

Palavras chave: Circuito, Feiras Livres, Natal-RN, Feira da Cidade da Esperança

1 INTRODUÇÃO

As feiras livres são lugares com atribuições econômicas, políticas e culturais, e “não são apenas o local de encontro e da procura de bens e mercadorias, mas, também o lugar onde se realizam e condicionam um sem número de atividades paralelas: sociais, religiosas, políticas, administrativas, recreativas, etc” (MOTT, 1975, p. 10). Este fenômeno também é denominado, na literatura internacional, de feira (*marché*), mercado periódico (*periodic market*), e praça de mercado (*market place*).

As feiras livres, no Brasil, são heranças das tradicionais feiras medievais européias, trazidas pelos colonizadores portugueses. As primeiras feiras brasileiras foram criadas nos interiores das capitanias e das províncias e estavam associadas a atividade criadora, onde eram realizados as trocas de gado e burros, animais utilizados como transporte e tração nas principais atividades econômicas no período colonial. Muitas cidades do sertão nordestino nasceram a partir das feiras. Os sertanejos que migraram para as capitais das províncias e dos atuais estados federados, levaram consigo a cultura e a tradição desses mercados periódicos (MOTT, 1975).

A primeira feira livre de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte (RN), foi a feira noturna do Passo da Pátria, que já existia em 1870, e se extinguiu posteriormente, devido ao crescimento da feira do Alecrim, criada em 1920 (CASCUDO, 1999). Até 1950, a capital potiguar tinha 4 feiras, que passaram a ser 6 em 1968, e já chegava ao número de 13 praças de mercado em 1986 (PACHECO, 1986). Atualmente, a cidade se configura com 22 mercados periódicos, sendo 11 na Zona Norte, 6 na Zona Oeste, 3 na Zona Leste e 2 na Zona Sul (SEMSUR, 2006).

Observa-se que desde o início da década de 1970, o número de feiras livres foi triplicado na capital do Rio Grande do Norte. Esse fenômeno ocorreu concomitantemente com a expansão do número de lojas das redes nacionais e internacionais de supermercados, como o Nordeste e Bompreço, e hipermercados, como o Extra, o Carrefour e o Hiper Bompreço, existentes na cidade (DANTAS, 2007).

Os supermercados surgiram nos Estados Unidos, ocupando os galpões das fábricas que faliram após a crise de 1929, tornando-se uma nova técnica de venda que permitia a rotatividade do capital após a depressão econômica, através do auto serviço e do livre acesso do consumidor às mercadorias. Esses empreendimentos se espalharam pelo mundo após a Segunda Guerra Mundial, sendo criado no Brasil na década de 1950. Já, os hipermercados foram criados na França em 1963, pelo Grupo Carrefour, constituindo-se em uma cópia ampliada do modelo estadunidense, com maior variedade de produtos a venda, chegando ao Brasil na década de 1970 (PINTAUDI, 1984).

Essa coexistência das feiras livres com os vetores do atual período técnico científico informacional (supermercados e hipermercados) pode ser explicada a partir da teoria dos dois circuitos da economia urbana: o circuito superior e o circuito inferior. O circuito superior é “constituído pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores” (SANTOS, 2004, p. 40). Enquanto, o circuito inferior é “constituído essencialmente por formas de fabricação não-‘capital intensivo’, pelos serviços não-modernos fornecidos ‘a varejo’ e pelo comércio não-moderno e de pequena dimensão” (SANTOS, 2004, p. 40).

Há um conflito político e ideológico entre supermercados, elementos do circuito superior, e feiras livres, elementos do circuito inferior. Aqueles são vistos como as únicas racionalidades do espaço.

No conflito político, o Estado protege e atende aos interesses dos supermercados com o investimento indireto, através de infraestrutura e incentivos fiscais. Enquanto o mesmo Estado aumenta o número de normas, através de leis e diretrizes, que fiscalizam e sancionam as feiras.

No conflito ideológico, o supermercado investe em publicidade e propaganda que o torna positivo e mais interessante ao público, enquanto, a imprensa e a mídia mostram a feira de forma pejorativa, com sujeira, odores, doenças, exaltando a necessidade do fim desses mercados (JESUS, 1992).

Observa-se a existência do conflito político quando o Estado, através do poder municipal em Natal, normatiza as feiras livres, padronizam-nas, remanejam-nas, mudam os horários delas, proíbe a venda de lanches, limita o número de barracas por praça (NATAL, 2009). O conflito ideológico é perceptível quando a mídia enfatiza a extinção das feiras, a venda ilegal de animais silvestres e pescados, a falta de higiene, a sujeira, o abandono, e os assassinatos ocorridos nestes locais, ou seja, passa-se aos leitores desavisados que a feira livre é um problema sem fim em Natal (LIRA, 2010).

Não se deve negligenciar que é necessária higiene, boas condições sanitárias, limpeza, fiscalização, policiamento e um bom ambiente de venda, de compra e de vivência dentro das feiras. Mas, por trás dessas leis e notícias existe um aparelho político e ideológico do Estado que as negligencia e abandona-as, de forma a causar transtornos à população que reside próximo às praças de mercado. Esse tipo de manifestação para o fim das feiras livres atende aos interesses do capital hegemônico, em especial aos supermercados, que vêem esses mercados periódicos como concorrentes

Nesse contexto, pergunta-se: qual a contribuição que a Geografia pode dar para defender a manutenção e a importância das feiras livres da cidade de Natal-RN, em meio a um conflito político e ideológico com as racionalidades hegemônicas?

Este trabalho tem como objetivo conhecer a dinâmica espacial das feiras livres da cidade de Natal-RN, contribuindo para a defesa desses mercados periódicos em meio ao um conflito político e ideológico com as racionalidades hegemônicas. O geógrafo deve analisar a feira como um lugar de encontro de vendedores, mercadorias e compradores, um ponto ou um nó de vários circuitos espaciais de produção, um componente do circuito inferior da economia urbana, uma outra racionalidade, com sua história, com seu arranjo espacial, com seus fluxos de pessoas, mercadorias, e informação.

Poucos trabalhos relacionam as feiras livres com a existência dos dois circuitos da economia urbana dos países pobres. E os trabalhos que consideram essa referida teoria caem no erro de confundir o circuito inferior com o setor informal. Portanto, justifica-se a execução deste projeto de pesquisa pela contribuição que trará para a ciência geográfica, pois, tratará a feira livre como um elemento do circuito inferior da economia urbana, analisando um elemento não hegemônico, uma contra racionalidade, uma contra finalidade, onde prevalecem as horizontalidades do lugar, evidenciando que as feiras possuem uma racionalidade, um objetivo, uma dinâmica espacial com fluxos e circulação. Os resultados obtidos contribuirão também como argumento geográfico para a defesa da manutenção e existência das feiras livres, diante das evidências do conflito político e ideológico existentes. Como metodologia foi feita a observação e a descrição dos eventos.

O COMPLEXO CIRCUITO DAS FEIRAS LIVRES DE NATAL-RN

O lugar é

o quadro de referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2002, p. 322).

Enquanto um lugar, a feira livre é uma dimensão espacial do cotidiano, é a prática do mundo de vários indivíduos, onde se manifesta a espontaneidade, a criatividade, e a necessidade de sobrevivência desses indivíduos. A feira é, portanto, o intermédio entre o mundo e o indivíduo, é o mundo vivenciado, o mundo de cooperações e de conflitos, à maneira de cada um que dela participa.

Os agentes que participam da feira são os feirantes (vendedores), os feirantes cadastrados, os feirantes não cadastrados, os pequenos produtores agrícolas que vendem sua colheita na feira, os atravessadores que vendem na feira, os donos das barracas, os empregados das barracas, os atacadistas, as transportadoras de produtos para a praça de mercado, os vendedores de sacolas apropriadas para compras, os meninos que com o carro de mão ajudam os consumidores a transportarem os produtos comprados, os consumidores (compradores), os atravessadores que compram na feira, os fiscais da prefeitura, os pesquisadores de diversas universidades e faculdades, as pessoas que tocam e cantam, as famílias que dela tiram o sustento. Essas formas alternativas de sustentar a família pode ser vista na foto abaixo.



Fonte: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz, mai. 2011.

FOTO 1 – FAMÍLIA EM BUSCA DA SOBREVIVÊNCIA NA FEIRA DA CIDADE DA ESPERANÇA EM NATAL-RN

Esses mercados periódicos ocorrem em espaços públicos, em ruas e avenidas, com produtos expostos em barracas padronizadas, não padronizadas, e até no chão, sobre lonas ou papelão. Um ambiente que é marcado pela sujeira e pela beleza da tradição, pelo barulho e pela música do “grito”, pelo odor e pelo cheiro dos alimentos frescos.

Com o advento do período técnico científico informacional, as feiras deixaram de ser locais de privilégios e de prestígio, passando a ser um lugar de sobrevivência da população pobre. A persistência da existência das feiras livres é resultado da “flexibilidade tropical”, a capacidade que os pobres, os “homens lentos” tem de adaptarem-se aos novos períodos, as novas situações. A mobilidade, a flexibilidade, e a adaptabilidade se dão pelo circuito inferior da economia urbana, através das relações de horizontalidades com o lugar, tornando-se outra racionalidade.

Muitas vezes, os moradores das proximidades das feiras se sentem incomodados com a existência delas, devido a uma ideologia imposta pela publicidade e pela propaganda, mostrando os benefícios e as vantagens dos supermercados. O ministério público defende os moradores, e as racionalidades impostas pelos agentes hegemônicos, que tem como parceiro o Estado. Este atende aos interesses das racionalidades hegemônicas e normatizam as feiras através de leis e decretos. A mídia contribui também mostrando as desvantagens das feiras e seus problemas. Os feirantes, os consumidores, os que vivenciam esses lugares, clamam e gritam pelo direito de

existência e de permanência dos lugares das feiras livres. Partes do circuito superior têm interesse na manutenção das feiras, pois, se utilizam delas para a capilarização e para uma maior acumulação de capital.



Fonte: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz, mai. 2011

FOTO 2 – CIRCUITO SUPERIOR PRESENTE NA FEIRA DA CIDADE DA ESPERANÇA EM NATAL-RN

Os fluxos e a circulação das feiras livres são capazes de gerar uma dinâmica. Os feirantes conseguem através de uma sincronia espacial e temporal, deslocar-se para a proximidade de um número elevado de consumidores, atingido toda a cidade, em um complexo circuito. Esse complexo circuito de feiras livres é complexo devido aos inúmeros caminhos percorridos pelos feirantes, pelos consumidores, pelos intermediários, pelas mercadorias, e pelas informações.

Um exemplo do complexo circuito das feiras é o abacaxi. A fruta é produzida no município de Mamanguape, no estado da Paraíba, e é trazida para Natal através de caminhões. É vendida na Central de Abastecimento S.A. (CEASA) do Rio Grande do Norte. Nesta rede cooperativista e atacadista, os feirantes compram os abacaxis para revender nas feiras. Um só feirante consegue vender a fruta em pelo menos quatro feiras, formando um circuito espaço-temporal: Cidade da Esperança no domingo, Rocas na segunda-feira, Carrasco na quarta-feira, e Alecrim no sábado.



Fonte: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz, mai. 2011

FOTO 3 – ABACAXI VENDIDO NA FEIRA DA CIDADE DA ESPERANÇA EM NATAL-RN

Acrescenta-se a relação de companheirismo, fidelidade, e de amizade entre os compradores e os vendedores na feira. Essa relação é inexistente nos supermercados e no comércio varejista em geral. Essa cordialidade é o que faz a feira livre o lugar preferido de muitos consumidores. A tradição cultural, o charme, o aspecto de lembranças de saudades trazidas pelas feiras mais antigas da cidade como a do Alecrim, Rocas, Carrasco e Quintas, é que dão o ar de boemia e de saudosismo, lembranças são trazidas por antigos feirantes, a sensação de estar em um lugar privilegiado, história, museu vivo da cidade.

3 PARA NÃO CONCLUIR

A feira livre é essa dialética entre seus agentes, entre o circuito superior e o circuito inferior da economia urbana, entre as verticalidades e as horizontalidades, entre as racionalidades hegemônicas e as outras racionalidades. É a dialética que se dá no lugar, na existência do mundo de cada indivíduo, na dimensão espacial da vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 3.ed. Natal: IGH/RN, 1999.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. A expansão do setor de comércio e de serviços: um estudo a partir da espacialidade das redes de supermercados em Natal/RN. **Sociedade e território**, Natal-RN, volume 19, números 1 e 2, jan./dez. 2007.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, volume 54, número 1, p. 95-120, jan./mar. 1992.

LIRA, Isaac. Feiras livres: problema sem fim em Natal, **Tribuna do Norte**, Natal, 7 de novembro de 2010. Disponível em: <www.tribunadonorte.com.br>. Acesso em: mai. 2011.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **A feira de Brejo Grande: estudo de uma instituição econômica num município sergipano do Baixo São Francisco**. Tese de doutorado (Ciências Sociais). Campinas: UNICAMP, 1975.

NATAL. **Lei Nº. 6.015 de 10 de dezembro de 2009**.

PACHECO, Cleudia Bezerra (Org.). **Contribuição ao estudo das feiras de Natal**. Natal: UFRN, 1986.

PINTAUDI, Silvana Maria. O lugar do supermercado na cidade capitalista. **Geografia**, Rio Claro, v. 9, n. 17-18, p. 37-54, out. 1984.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **O espaço dividido**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SEMSUR - Secretaria Municipal de Serviços Urbanos. **Feiras livres: programação das feiras livres em Natal**. 2006. Disponível em: <www.natal.rn.gov.br/semsur>. Acesso em: jan. 2011.